

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

O fantástico n' "O Espelho", de Machado de Assis: observações freudianas sobre a dualidade da alma humana

Angela Sivalli Ignatti¹

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a presença do elemento fantástico no conto "O espelho" de Machado de Assis à luz do pensamento freudiano sobre a dualidade da identidade do indivíduo. O conto trata dos insólitos acontecimentos ocorridos com Jacobina, personagem que só consegue ver sua imagem nitidamente refletida num certo espelho, quando veste sua farda de alferes. A partir dessa construção narrativa, trabalhamos a presença de determinados elementos fantásticos na literatura, tendo como base os estudos publicados por Freud no artigo *O Estranho, além* dos conceitos de dialogismo trabalhados por Bakhtin.

Palavras-chave: estranho; fantástico; dualidade; Machado de Assis; Freud

O conto "O espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana", de Machado de Assis (1963), publicado inicialmente na obra *Papéis Avulsos* em 1882, é sem dúvida um dos textos de maior complexidade acerca da observação da alma humana feitos por esse autor. Para tanto, o texto machadiano faz uma incursão no caráter fantástico da literatura, em função dos estranhos acontecimentos narrados pelo protagonista.

Em síntese, a história conta sobre um grupo de cavalheiros que discutiam, às noites, questões "de alta transcendência". Um desses

¹ Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Atua como Orientadora de Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação de Professores da Rede Pública do Estado de São Paulo (REDEFOR) na UNICAMP.

cavalheiros, Jacobina, sempre muito quieto e avesso a debates acalorados, resolve apresentar sua teoria sobre o ser humano possuir duas almas:

Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... [...]. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação [...] Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência [...] (MACHADO DE ASSIS, 1963, p. 98).

A ideia de Jacobina é a de que o ser humano possui uma alma externa e uma alma interna, e que as duas se complementam, dando vida à pessoa. Contudo, essa personagem acrescenta que a alma externa pode variar com o tempo e cita o caso de uma senhora que mudava de alma externa cinco vezes por ano.

Mais adiante na narrativa, ele resolve contar um episódio notório em que ele próprio mudou sua alma externa. Quando era um rapaz de vinte cinco anos, pobre, foi nomeado alferes da guarda nacional. O acontecimento foi motivo de muito orgulho e alarde para os familiares, amigos, vizinhos; foi também causa de inveja para algumas pessoas. Por conta da nomeação, uma tia que morava num sítio “escuro de solitário” muitas léguas distante da cidade e que era viúva de um capitão, mandou chamá-lo para passar uns dias com ela, fazendo questão de que o rapaz levasse a farda.

Na casa da tia Marcolina foram só bajulações e agrados por causa do novo título. A tia chamava-o de “senhor alferes” e fazia com que todos ali o chamassem assim. Como prova da deferência de tratamento dispensada a ele, a mulher mandou que colocassem no quarto do hóspede um espelho.

Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI [...]. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da

moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom... (*ibidem*, p. 100).

A partir desse ponto, começam a se desenrolar os acontecimentos fantásticos da narrativa do cavaleiro acerca das duas almas do ser humano. Tendo tia Marcolina de ir subitamente acudir a filha adoentada que morava muito longe dali, pediu que o cunhado fosse com ela e que o “senhor alferes” ficasse tomando conta do sítio até que eles voltassem da viagem. Sendo assim, Jacobina ficou ali sozinho, naquele lugar isolado, na companhia apenas dos escravos da propriedade. A princípio, os criados trataram-no com muita cortesia, parecendo a ele que tentavam compensar a ausência dos anfitriões. Porém, aproveitando a ausência da senhora, eles fugiram no meio da noite, deixando o “Nhô alferes” completamente sozinho.

Sem saber bem o que fazer, a personagem ficou esperando a volta do cunhado da tia Marcolina, que prometera retornar em breve. No entanto, começou a sentir um estranho mal estar à medida que os dias iam passando e ele estava sozinho, sem os cortejos e as adulações a que tinha se acostumado depois da nomeação. Jacobina passou a sofrer de estranhas sensações de angústia: “[...] comecei a sentir uma sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse a consciência da ação muscular. [...]” (p. 102). Mais adiante, quando perguntado pelos cavaleiros, que ouviam atenciosamente sua narrativa, se não estaria sofrendo de medo, respondeu:

– Oh! Fora bom que eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico (p. 103).

Jacobina conta aos seus interlocutores que sua alma interior estava perdendo a ação exclusiva e ficara dependente da alma exterior, no entanto, a alma externa tinha-se ido junto com as pessoas que o cercavam. O mais estranho na narração, contudo, estava por vir. Desde que ficara sozinho, não tinha, inconscientemente, se olhado no velho espelho de seu quarto, por receio

de “achar-se um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária” (p. 104). Passados oito dias sozinho, resolveu enfim olhar-se no espelho com fim justamente de achar-se “dois”. Qual não foi sua surpresa ao ver que seu reflexo não aparecia nítido no vidro, via-se apenas uma imagem distorcida:

[...] não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgarçado, mutilado [...] (p. 104).

O protagonista decidiu ir embora dali, por medo de enlouquecer em meio àquelas sensações aterrorizantes, mas ocorreu-lhe a ideia de vestir a farda de alferes e de novo olhar-se no espelho. Agora, com a farda, podia ver-se nitidamente refletido. Daí então Jacobina conclui sua tese para os colegas:

Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, eila recolhida no espelho. Imaginei um homem que pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as coisas e os objetos, mas não conhece individualmente uns e outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano [...]. Não era mais um autômato, era um ente animado [...] (p. 105).

A partir dali, o moço passou a vestir-se todos os dias com a roupa de alferes a certa hora; ficava em frente ao espelho lendo, meditando e, depois de duas ou três horas, despia-se. Assim, pode esperar mais seis dias, tranquilamente, pelo retorno de alguém.

Machado de Assis, considerado por muitos o maior nome da Literatura Brasileira, é conhecido por ser um estudioso da alma humana em seus romances, e no caso particular deste conto, ele acaba por refletir a relação dialógica do indivíduo com a sua auto-imagem, fazendo uso de uma narrativa que mescla suspense e elementos fantásticos, como o misterioso espelho.

Magistralmente, o autor fala da imagem do indivíduo que se constrói na relação com o outro, pois Jacobina textualmente afirma que uma de suas almas tinha-se ido com as pessoas da casa, com os escravos. Sozinho, passa a sentir-se um autômato, alguém que não sente as próprias reações musculares.

O protagonista parece perder sua identidade na medida em que as pessoas que o cercavam não estão mais, naquele momento, interagindo com ele. A partir da ausência de relação dialógica, sua imagem no espelho – em uma analogia perfeita para o nosso processo de auto-reconhecimento – também se perde, se esfumaça e se confunde. A imagem retorna, porém, quando veste a farda. Assim, essa personagem acaba por nos mostrar que sua alma exterior, a de alferes, não existia sem que os outros o denominassem assim. A problemática maior, contudo, era o fato de a figura do alferes ter substituído a do ser humano, de ter se sobreposto à alma interior. Sem o alferes, a alma interior não conseguiu se impor, e Jacobina passou a sentir-se um fantoche.

Essa dualidade da alma apresentada inicialmente pelo próprio protagonista aos colegas de discussão já seria material suficiente para observarmos a figura da duplicação da identidade, o duplo, nesse texto literário. A narrativa machadiana, no entanto, brinda-nos com mais uma situação passível de observação do desdobramento do eu: a fantástica imagem distorcida no espelho.

Podemos notar que o próprio Jacobina entende que, pelas leis da física, sua imagem deveria estar nitidamente refletida no espelho, mas ele não era capaz de captá-la corretamente. Portanto, o problema estaria na sua capacidade de enxergar a si próprio? O antigo espelho teria o poder de revelar sua cisão interior? Vale dizer que o conto gravita em torno da ideia da cisão do eu, da dualidade que se instala na alma humana e da percepção da própria identidade. Porém, parece surgir aí mais uma questão: a ligação entre a alma interior e a exterior tem como mediadora a relação com o outro, ou, melhor dizendo, a relação dialógica.

Com base nas reflexões do protagonista, é possível pensarmos nas teorias bakhtinianas que versam sobre o dialogismo. Mikhail Bakhtin, na obra

Marxismo e filosofia da linguagem (2006), disserta sobre a construção do discurso ideológico. Começando por questões que, mais tarde, desembocarão em análises voltadas ao campo da Linguística, Bakhtin apresenta a problemática das ideologias a partir da construção do discurso individual e coletivo, passando pela questão da identidade.

Para esse pensador, tudo o que é ideológico possui um significado que está atrelado a algo fora de si mesmo; assim, toda ideologia é constituída de signos; é uma representação que aponta para diversos elementos extrínsecos. O escritor afirma que a filosofia idealista e a visão psicologista de sua época acreditavam que a ideologia situava-se no nível da consciência das pessoas e, portanto, os aspectos exteriores do signo seriam secundários. Bakhtin acredita que, para se compreender um signo, é necessário aproximá-lo de outros signos, mobilizando, portanto, o conhecimento daquilo que já nos é conhecido. Sendo assim, a compreensão da ideologia e da formação dos discursos requer uma interação entre os signos.

E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, *deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua*: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica. *Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência interior, de natureza não material, e não corporificada em signos* (*ibidem*, p. 34. Grifo meu).

Bakhtin afirma, em outras palavras, que a consciência individual é construída por intermédio da consciência coletiva, pois as ideologias não se formam no interior da individualidade, mas na relação desta com os elementos que, obrigatoriamente, são exteriores à construção daquele signo específico (p. 31-36).

Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e outra. E a própria consciência individual está repleta de signos. *A consciência só se torna consciência quando se impregna de*

conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (p. 34. Grifo meu).

Podemos, portanto, no conto machadiano, pensar nas relações entre o protagonista e as demais personagens sob a perspectiva do dialogismo de Bakhtin aqui apresentada. Ao ser tratado com cortesia e atenção por ter-se tornado uma figura importante na sua escala social, Jacobina começa a ter a imagem do alferes sobreposta. Por isso, no conto, a personagem afirma: “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade” (MACHADO DE ASSIS, 1963, p. 100).

Seria possível pensarmos que quando ele deixa de ter contato com as outras pessoas, não pode ser mais o alferes, mas também não pode ser mais o homem comum. Quando se vê privado das relações dialógicas com o meio social, ele vai perdendo sua própria humanidade, e, de acordo com o caráter metafísico da narrativa, sua alma exterior vai-se com as pessoas, e a alma interior, enfraquecida pela primeira, deixa o homem à deriva. Podemos perceber isso quando Jacobina conta que não sente mais seus músculos “era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico” (*ibidem*, p. 103).

É, contudo, importante observar que segundo Bakhtin acerca das relações dialógicas “Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência interior, de natureza não material, e não corporificada em signos” (BAKHTIN, 2006, p. 34). O que parece ocorrer no conto com Jacobina é que essa corrente, mencionada por Bakhtin, se quebra, e ocorre, então, a anulação do indivíduo. A força da alma exterior que havia sobrepujado a simplicidade da alma interior, quando tem seu elo partido na relação dialógica, se esvai.

Veja que a problemática da cisão identitária do indivíduo aparece aqui de maneira bastante clara. A consciência, a identidade ou, usando o termo do próprio conto, a *alma humana* parece-nos composta sempre de uma dualidade. Nisto consiste a análise da figura do duplo no texto literário: a ideia de que o ser humano possui uma essência cindida, a qual busca um equilíbrio entre si,

mas, sob determinadas circunstâncias, entra em conflito e gera o sofrimento ou o desajuste do indivíduo.

É interessante notar como podemos estabelecer uma conexão direta entre os estudos de Freud apresentados no artigo *O estranho*, publicado em 1919 (FREUD, s.d.) e o caráter fantástico presente na narrativa machadiana, ao tratarmos dessa cisão na alma humana, à qual a personagem Jacobina chama de “duas metades de uma laranja”.

A ideia central discutida nesse artigo de Freud é a chamada “estranheza familiar”, ou *unheimlich* na língua alemã, que se trata da sensação de estranhamento, associada ao medo ou ao terror que acomete um indivíduo frente a determinada situação. O pesquisador observa esse sentimento tanto do ponto de vista médico quanto do ponto de vista estético-literário, pois analisa as atitudes de pacientes seus e o comportamento de personagens de textos literários.

Para contextualizar o duplo na literatura, Freud comenta a obra de Otto Rank, *O duplo* (1939). Nessa obra, Rank faz uma análise de vários autores, entre eles Edgar Allan Poe, Dostoievski, Goethe, analisando-lhes as obras literárias, nas quais constroem a figura do duplo. Imagens fantasmagóricas ou insólitas de espelho, irmãos gêmeos, espíritos, sombras, pessoas com dupla personalidade, bonecos animados, vozes invisíveis, tudo isso é observado por Rank em contos, romances e novelas de grandes autores. Essas figuras duplas estão sempre associadas a enredos macabros, aterrorizantes, perturbadores, insólitos, com personagens insanas, destrutivas, desestruturadas socialmente, nas quais o medo da morte é uma figura recorrente.

O ponto crucial do pensamento freudiano que cabe salientar aqui é o momento no qual Freud afirma que, no desenvolvimento da humanidade, “surge” a alma como um poderoso duplo do corpo, uma forma de atrelar um elemento imortal a outro mortal (FREUD, s.d., p. 15). A problemática do duplo surge, segundo Freud, porque em nosso processo de desenvolvimento humano essa questão foi aparentemente superada, contudo continuamos a criar duplos. Acontece que passamos, em alguns casos, a criar duplos que, agora, se voltam contra nós, nos aterrorizam e atormentam. A figura do duplo

vai, portanto, tal como pondera Rank (1939), associar-se a ideias fantásticas ou aterrorizantes.

O duplo, do ponto de vista de Freud, situa-se no campo da patologia psíquica, e tem como base os resquícios do homem ancestral, de consciência mítica, o qual construía o duplo para proteger sua existência da morte. Na sua evolução, esse duplo transforma-se na sua consciência, mas, no caso patológico, volta a ser um duplo, agora não mais protetor, mas, sim, o observador crítico de suas ações e de sua incapacidade de realização dos desejos. Por isso, essa cisão do indivíduo associa-se aos elementos fantásticos, ao terror, aos espíritos malignos, aos fantasmas, às imagens estranhas no espelho, às sombras sinistras. Patologicamente, o duplo volta na forma de uma consciência mítica, ancestral. Desse retorno de algo familiar, na forma de algo estranho surge o *unheimlich* – o estranho familiar, conforme Freud.

Observando o conto “O espelho” sob a perspectiva freudiana, vemos que o protagonista, antes um rapaz simples, se reconhece diante da deferência com que é tratado na condição de alferes. O seu duplo surge como forma de lutar contra a mediocridade, a vulgaridade. Ele não era de fato o alferes, era o rapaz que passou a ter o alferes como um reflexo de si mesmo para se auto-afirmar na sociedade:

“[...] a alma exterior que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos da moças, mudou de natureza, e passou a ser as cortesias e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado” (MACHADO DE ASSIS, 1963, p. 101).

O elo que conecta Jacobina ao corpo social é agora a figura militar, é isso que lhe permite fortalecer seu ego. Observando a teoria de Freud, ao proteger o ego, buscamos, em última análise, lutar contra nossa morte, nossa extinção. Contudo, retomando as teorias psicanalíticas e histórico-filosóficas, o duplo da consciência mítica e ancestral visa à proteção, porém o duplo do

homem racional e evoluído muitas vezes entra em cena com a função inversa, e passa a ser a imagem ameaçadora, insólita, constituída por elementos fantásticos, tal como ocorre com o protagonista do conto machadiano.

Jacobina, portanto, em um primeiro momento, vê a alma exterior apossar-se da interior, anulando o homem e impondo o alferes. Depois, quando se encontra acuado, sozinho no sítio da tia Marcolina, o alferes o abandona, vai-se embora com as pessoas, porque precisa da relação dialógica com elas para existir. Então o rapaz passa a viver a existência de um morto-vivo. O duplo que fortalecia seu ego, agora destrói sua existência, pois condena-o a viver no vazio, em uma existência oca, sem alma exterior nem interior. O duplo de Jacobina que antes o transformou em objeto de adoração é agora o seu algoz, que o abandona à míngua.

A teoria de Freud acerca do *unheimlich* parece servir aqui para ilustrar a sensação que Jacobina tenta transmitir aos seus ouvintes: “senti uma opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia [...]” (*ibidem*, p. 101). O protagonista é subitamente torturado por uma sensação que ele próprio associou à fuga da alma exterior. Seu terror, seu sofrimento eram-lhe estranhos, mas estavam ligados a algo muito familiar, a falta que sentia das pessoas que o adulavam.

O espelho entra no enredo como o elemento fantástico que representa o meio de enganar a alma exterior, de enganar esse estranho que se apodera do protagonista e depois o abandona, levando suas forças. Ao mostrar para o alferes a imagem do homem fardado, seu duplo começa a retornar à vida, ganhar forças e, concomitantemente, vai restituindo a vida ao rapaz. É como se Jacobina, ao admirar-se fardado naquele antigo espelho, o qual refletira no passado imagens de fidalgos emolduradas por ouro e madrepérola, desse ao alferes a relação dialógica de que precisava. Em vez de ter pessoas para adorá-lo, ele próprio se adora e consegue de novo seu equilíbrio interno.

A nova teoria da alma humana, composta no conto de Machado de Assis, poderia, portanto, ser vista aqui como mais uma afirmação do ser humano dual. Os elementos fantásticos servem, aqui, tal como Freud explica

para o fenômeno do *unheimlich*, como instrumento de comunicação entre as partes cindidas da identidade. Como tantas outras representações literárias, a personagem busca o equilíbrio da alma, da consciência ou, ainda, da identidade que parece, desde tempos imemoriáveis, se apoiar em um oxímoro formado pela junção do eu e do outro. Esse dualismo, vemos aqui fundido no reflexo “reflexo d’“O espelho machadiano””.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CALVINO, Ítalo (Org.). *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, s.d., vol. XVII.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim M. *Contos*. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- RANK, Otto. *O duplo*. Trad. Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Brasílica, 1939.